



MEMÓRIAS DA MANDINGA: UM ESTUDO ALQUÍMICO DA ESCRITA DE SI A PARTIR DOS MANUSCRITOS E ARQUIVOS AUDIOVISUAIS DE MESTRE PASTINHA

Bruno Ferreira
UFRJ

Resumo

Nossa proposta é revisitar os manuscritos e arquivos audiovisuais de Mestre Pastinha, considerado o maior ícone da capoeira angola baiana, discorrendo sobre a produção de memória e de afetos que o conjunto desses arquivos engendra em relação com a alquimia. Atualmente, além de alguns vídeos e um disco lançado em 1969 com depoimentos e músicas, podemos encontrar seus manuscritos em formato digital, trazendo pensamentos, desenhos e sua filosofia, desenvolvida através da prática. Juntos, esse material orienta ainda hoje a prática de milhares de capoeiras espalhados pelo mundo, sendo suas frases repetidas no meio da capoeira como essência da capoeira tradicional.

Palavras chave: Afeto; Audiovisual; Capoeira; Manuscritos; Memória.

Abstract

Our proposal is to revisit the manuscripts and audiovisual archives of Master Pastinha, considered the greatest icon of Bahia Capoeira Angola, discussing the production of memory and affection that all of these files engenders compared with alchemy. Currently, plus some videos and a disc released in 1969 with testimonies and songs, we can find his manuscripts in digital format, bringing thoughts, drawings and philosophy, developed through practice. Together, this material still guides the practice of thousands of barns around the world, with its repeated phrases in the middle of capoeira as the essence of traditional capoeira.

Keywords: Affection; Audiovisual; Capoeira; Manuscripts; Memory.

1 Introdução

A sociedade contemporânea é marcada pela multiplicidade de meios para armazenamento da memória. Para além do papel, que ainda é o suporte mais fundamental e acessível, cada vez mais acessamos um ambiente de conhecimentos que também é povoado por suportes audiovisuais e formatos digitais, que permitem a tradução de diversos documentos produzidos originalmente em diferentes mídias, inclusive aquelas que já deixaram de ser comercializadas, como é o caso do daguerreótipo, precursor da fotografia, mas também é o caso do vinil e da fita cassete, bastante populares no século XX, entre outros exemplos de mídias que encontramos nas primeiras décadas do século XXI reinscridas numa nova camada de memória, através da rede mundial de computadores.

Nesse contexto é bem mais evidente que um determinado arquivo pode estar em diferentes formas ou meios, cada qual com suas especificidades e alcance. Mesmo quando o leitor de uma determinada informação é o próprio produtor da memória, como no caso da escrita em diários pessoais, vemos que existe uma



necessidade de armazenamento dos arquivos, para que se possa realizar uma consulta posterior àquelas reflexões e afetos que foram subjetivados em um dado recorte de tempo e espaço.

Em muitos casos, especialmente em relação ao meio digital, se preza por mais de uma fonte como forma de melhor preservar o conteúdo, em caso de destruição ou dano de algum dos suportes. Costuma-se dizer em relação à cópia de segurança (*backup*) que “quem tem apenas uma não tem nenhuma”, o que enfatiza a necessidade de se manter diversos locais para preservação da memória, para o caso de algum imprevisto que faça com que algum desses suportes seja irremediavelmente danificado. No caso dos documentos, também é possível imprimir-los, mas em relação ao audiovisual, o máximo que é possível fazer é renovar a mídia (HD, CD ou DVD) de maneira regular.

A partir dessas constatações iniciais acerca das tecnologias de armazenamento da memória e seus usos contemporâneos, o presente texto traz reflexões para se pensar em que níveis podem chegar mais especificamente as memórias pessoais sobre os arquivos da cultura popular, que foram produzidas num contexto anterior ao ambiente digital, e ainda como esse material pode servir para formatar discursos sobre as práticas contemporâneas que estão ligadas à atualização da memória coletiva.

Para realizar esta empreitada em termos de análise empírica, vamos seguir as escritas de Mestre Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha), nascido em Salvador em 1889 e falecido em 1981, nesta mesma cidade, que ainda em vida tornou-se conhecido como um dos maiores mestres de capoeira da capital baiana e, posteriormente e postumamente, considerado um dos maiores ícones da capoeiragem brasileira. Seus ensinamentos atravessam gerações e alcançam e influenciam praticantes de capoeira em todo o mundo, ou seja, aqueles que não tiveram contato direto com esse mestre e muitas vezes nem mesmo com seus alunos diretos.

Mestre Pastinha, ao contrário de muitos mestres nesse momento histórico, advindos das camadas mais carentes da população e frequentemente analfabetos funcionais, sabia escrever razoavelmente e registrara uma parte do seu cotidiano na capoeira, dos seus pensamentos e das profundas reflexões filosóficas que tinha em um diário, intitulado “quando as pernas fazem mizerê”, subtítulo de “metafísica e prática da capoeira”. São cerca de 200 páginas de sua experiência de vida que foram preservados do esquecimento e da destruição. Além de trazer reflexões sobre a prática e a ética da capoeira, os manuscritos possuem poesias, cânticos e ainda



diversos desenhos que ilustravam alguns aspectos da capoeira angola que não poderiam ser expressos em sua essência corporal com o signo.

Nesse artigo, trazemos alguns comentários a partir do seu diário, que foi preservado durante décadas pelo Mestre Decânio e, que em 2003 foi entregue para ser digitalizado a Hilton Bruno de Almeida Sousa, praticante de capoeira conhecido pelo apelido de “Teimosia”, que é formado em Ciências da Computação¹.

Ressaltamos que juntamente com um disco intitulado “Capoeira Angola: Mestre Pastinha e sua academia”, lançado pela Phillips em 1968, os manuscritos constituem o principal acervo material da memória desse mestre², que para muitos ainda mantém uma aura que o liga à ancestralidade da capoeira. Em termos audiovisuais, também utilizamos como referência o filme “Pastinha! Uma vida pela capoeira”, produzido em 1998 por Antônio Carlos Muricy, que possui entrevistas em vídeo, nas quais Pastinha já velho e cego fala um pouco sobre sua vida.

Além desses materiais, muitos outros foram elaborados/publicados antes e após sua morte, muitas vezes revisitando esses enunciados que encontramos no conjunto desse material que recortamos de uma totalidade do material que pode ser encontrado através do mecanismo de busca do site de compartilhamento de vídeos youtube (www.youtube.com). Porém, o presente trabalho pretende focar mais especificamente no material que apresenta seus depoimentos diretos ao invés de utilizarmos os depoimentos de pessoas que conviveram com Pastinha.

Essa opção metodológica serve para identificarmos aquilo que na obra de Mestre Pastinha pode se constituir como um processo de *escrita de si*. De acordo com Michel Foucault (2010 p.145), a escrita de si é um conceito que se “refere à seleção de coisas que se fez ou se pensou e que é oferecido a um olhar possível. Esse processo formula uma *estética da existência*, ou seja, ajuda a constituir a formação de subjetividade “de dentro para fora”, enquanto as regras coercitivas e as instituições constituem o sujeito “de fora para dentro”.

Sob este aspecto, as escritas de Mestre Pastinha podem ser entendidas como sua “memória material das coisas ouvidas, lidas ou pensadas”, nos remetendo aos *hupomnêmata*, que segundo Foucault eram os escritos nos quais os gregos dos primeiros séculos da Era Cristã reuniam “citações, fragmentos de obras, exemplos,

¹ Teimosia é responsável pela divulgação através da internet dos manuscritos de Mestre Pastinha e muitos outros arquivos (MARCHESI, 2012, p.231).

² Há um livro intitulado Capoeira Angola, atribuído a Mestre Pastinha, mas que na verdade foi compilado por Wilson Lins, para a Fundação Cultural do Estado da Bahia. Fonte: http://www.capoeira-palmares.fr/histor/xaua_pt.htm

ações testemunhadas ou cuja narrativa havia sido lida, reflexões ou pensamentos ouvidos ou que vieram à mente” (FOUCAULT, p. 147). A seguir, vamos analisar alguns trechos de seu diário e de seu disco, nos quais é possível verificar essa perspectiva de uma escrita de si.

2 A capoeira e a memória do corpo ao arquivo: uma transformação alquímica

A capoeira é uma arte eminentemente corporal. Trata-se de uma prática coletiva que mescla luta, dança e jogo, possuindo uma ritualidade que é performada através da roda, considerada um ritual coletivo no qual seus participantes revezam e intercalam de maneira dinâmica os papéis de jogadores (dois ao centro da roda), tocadores de instrumentos tradicionais da capoeira (berimbau, atabaque, pandeiro, agogô e reco-reco) e coro (pessoas que formam o círculo e respondem aos cânticos).

Os cânticos costumam ser formulados num modelo de “pergunta e resposta”, no qual um cantador verseja e o coro responde, excetuando-se a ladainha (cântico que inicia a roda, geralmente cantado pelo mestre responsável por organizar a roda). A seguir, vemos uma página dos manuscritos de Mestre Pastinha na qual além de um desenho, há um canto tradicional nesse modelo.



Figura 01 – Folha do manuscrito digitalizado de Mestre Pastinha com imagem de jogo e letra de canto em formato “pergunta e resposta”.



A dinâmica na qual todos participam de diversas maneiras para a execução da roda, assim como o próprio jogo, que visa um fluxo, enfatiza a transformação como ponto central dessa prática. A transformação pode ser considerada nesse contexto semelhante a um princípio alquímico, no qual o grosseiro se transforma em sutil, onde a soma das partes é maior que o todo, pelo salto quântico que é engendrado com sua articulação.

Em relação à dinâmica da capoeira, Mestre Pastinha em sua experiência registra em seu diário sua ênfase no caráter corporal da capoeira, que de certo modo antecede ao processo coletivo dessa prática e a abstração filosófica, que seria propriamente o encontro dos corpos e o acesso ao conhecimento. Ele escreve ao modo dos diálogos filosóficos clássicos, como se estivesse conversando com outra pessoa, o que enfatiza esse caráter de *hupomnêmata* de suas escritas, como podemos ver a seguir³:

Amigos, o corpo é um grande systema de razão por detrás de nossos pensamentos acha-se um Snr. poderoso, um sábio desconhecido. Corrijo-me as realidades pela inversão natural da ordem lógica transformando o passado em futuro. (p.02)


Podemos perceber que Pastinha percebe o corpo justamente numa perspectiva filosófica, como um “sistema de razão”, a partir do qual se pode chegar ao conhecimento que reside em seu interior e ao sentido das coisas que são através dele percebidas. Por meio do corpo que se estrutura todo seu sistema de pensamento, que vai refletir na forma como compreende o aprendizado da capoeira.

Há também nos seus manuscritos a evidência do papel ético que deveria ser desempenhado por um mestre de capoeira, como aquele que orienta no caminho para se acessar esse sábio desconhecido que é o corpo. Todos têm um corpo no qual existem, mas muitos atravessam toda a existência terrena e não o conhecem plenamente. O autoconhecimento é uma chave nesse processo.

Aqui também é importante mencionar o papel da figura do mestre para Pastinha sob sua própria experiência. O mestre é uma figura central e que afeta diretamente o aprendizado na capoeira, é uma luz no caminho do aprendiz. No filme “Pastinha! Uma vida pela capoeira”, de Antônio Carlos Muricy, há uma entrevista filmada na qual ele conta como aprendeu a capoeira quando criança de um velho africano.

A minha vida de criança foi muito amarga. Encontrei um rival, um menino que era rival meu. Então nós entravamos em luta, travava luta e eu apanhava, levava a pior. Na janela de uma casa havia um africano apreciando a minha

³ Aqui e nos demais trechos do diário de Mestre Pastinha, iremos manter a grafia original. Em relação aos áudios citados, faremos o mesmo, nos aproximando do seu modo peculiar de falar.



luta com esse menino. Então quando eu acabava de brigar, eu passava e o velho me chamava: Meu filho! Vem cá! Eu cheguei na janela, ele então me disse: Você não pode brigar com aquele menino. Aquele menino é mais ativo de que você. Aquele menino é malandro! E você não pode brigar com aquele menino, você quer brigar com o menino na raça, mas não pode. O tempo que você vai pra casa empinar raia, você vem aqui pra nós casuar. Então, aceitei o convite do velho, e aí pegava e ia me ensinar a capoeira. Ginga pra aqui, ginga pra lá, ginga pra aqui, ginga pra lá e cai, levanta. Quando ele viu que eu já estava em condições pra corresponder o menino ele disse: Você já pode ir brigar com o menino. Então eu saí.

Quando eu vinha e a mãe dele via que eu ia passar, gritava: Honorato! Evém seu camarada! E ele puf! De dentro de casa o menino pulava na rua como um Satanás, e aí me pegou, eu insisti, ele insistiu e me passou a mão. Eu saí em baixo. Ele tornou a passara mão em mim, eu tornei a sair de baixo, ele disse: Ah! Você tá ativo é? Ele insistiu a terceira vez, eu rebati a mão dele e aqui sentei nos pés. Ele recebeu, caiu. Tornei a sentar o pé nele, tornou a cair. A mãe dele foi e disse: Vixe! Você vai 'panhar! Eu disse: vai ver ele apanhar agora!

Percebemos que o velho mestre observou diversas vezes Pastinha levando a pior e resolveu ajudá-lo. Também ajudou ao ensino – a memória – que possuía, a se propagar no tempo, através do jovem Pastinha, que necessitava aprender a capoeira para se defender. Podemos pensar num encontro místico que se dá nesse momento, o que amplia a magia em torno do mestre baiano. Tal encontro nos remete ao texto alquímico do “Caibalion”, publicado anonimamente em 1908, e que traz a essência dos ensinamentos alquímicos e místicos de Hermes Trimegistus, entidade que simbolizava o detentor do conhecimento universal no Egito antigo e na Grécia. Reproduzimos a seguir um trecho do texto clássico do Caibalion, escrito na forma de um poema:

Os lábios da Sabedoria estão fechados,
Exceto para os ouvidos do Entendimento.

Oh! Não deixeis apagar a chama!
Mantida de século em século
Nesta escura caverna, neste Templo sagrado!
Sustentada por puros ministros do amor!
Não deixeis apagar esta divina chama!

Quando os ouvidos do discípulo estão preparados para ouvir,
Então vêm os lábios para os preencher com a Sabedoria.

Em qualquer lugar que estejam os vestígios do Mestre,
Se abrirão completamente os ouvidos
Daquele que estiver preparado para receber seus Ensinamentos.

Pastinha encontra o mestre no momento em que mais precisa, quando está interiormente preparado para aprender a capoeira. O velho mestre também está preocupado em não deixar apagar a chama de seu conhecimento. Esse ponto tem



importância fundamental em sua biografia, sendo claramente percebida em meio a seus escritos e depoimentos. Um ponto curioso em seus manuscritos é que em diversos momentos ele se refere a si mesmo ora na primeira pessoa e ora na terceira pessoa, talvez indicando que é a voz do mestre que se expressa através dele.

Eu sempre tive em mente que a capoeira precisava de um generoso instrutor, com a presença minha apontei o destino de levar ao futuro, assumir deversa atitude. Pelo amôr ao esporte, e a luta constitui caminho para a divina realização e recebeu o nome de Centro Esportivo de Capoeira Angola como patrimônio sagrado; a movimentação do qual prepara o caminho da perfeição. Convém não esquecer que o orientador foi o Velho Pastinha que sofe; saber desejar com Vontade, presidente e merecimento justo. (p.09)

Desse fragmento, destacamos ainda a importância que Pastinha atribui ao mestre e seu papel para o ensino da arte da capoeira, considerando o Centro Esportivo de Capoeira Angola uma “divina realização” e um “patrimônio sagrado”, uma vez que permite à humanidade ter um acesso da capoeira. Pastinha se coloca como o generoso instrutor que a capoeira estava precisando, ou seja, aquele que a tiraria definitivamente da malandragem e estigmatização social para colocá-la na escola. Nos termos do Caibalion, nos remetemos aos “ministros do amor” que não deixam apagar a divina chama do conhecimento.

Em termos de preservação da memória da capoeira, ressaltamos que a questão do tempo é determinante em seus escritos, uma vez que em mais de um momento se refere ao futuro. Além disso, a roda de capoeira na concepção de Pastinha pode ser considerada um “círculo mágico”, no qual o tempo presente é o da eternidade em fluxo do mito, da ancestralidade viva, para além do tempo linear que orienta o mundo ordinário e os relógios.

Pastinha é, nesse momento histórico específico, aquele que, tal qual seu velho mestre, tira a capoeira angola das brumas do esquecimento e do passado e a lança transformada ao futuro, onde pode florescer novamente. Ele atualiza a memória da prática. Alquimicamente, é a união do presente, passado e futuro o que propõe a cada um que treina a capoeira, que busca conhecê-la.

O amigo é conhecedor dessa arte? Ah! Sou um observador. Procure aprender com carinho e força de vontade, e amanhã é um bom juiz. Vamos a diante: Esta é minha sueca⁴, o que tenho em meu corpo, é minha arte; ela aninha-se em três capoeiras, passado, presente e futuro.

⁴ Pastinha faz referência à ginástica sueca, criada por Pehr Henrik Ling (1776-1838), que foi precursor da Educação Física.




Nesse ponto vemos uma ênfase que é dada ao papel ético de aprender a arte da capoeira, para poder utilizá-la e, uma vez usada e aprovada, poder de maneira complementar ensiná-la aos que vierem dela precisar. Os manuscritos não possuem uma data definida, mas na contracapa consta a data de 21/12/60, que possivelmente é quando iniciou suas escritas, ou talvez quando as concluiu. Em outro momento, escreve sobre a fundação do Centro Esportivo de Capoeira Angola, em 1941. Há outras datas no decorrer das páginas. De todo modo, para além de tentar marcar uma data específica, vemos que há no seu gesto de escrita uma busca em alcançar o futuro daquele presente, aqueles que ainda irão chegar ao mundo da capoeira. De todo modo, é inegável que seus escritos chegaram à atualidade, após décadas sendo guardados pelo Mestre Decânio.

Juntos com esses escritos, também podemos acessar sua voz e suas memórias de vida, gravadas num disco que foi produzido no ano de 1968, quando já contava com 79 anos. Esse disco também foi digitalizado, transformado em CD e renomeado “Pastinha Eternamente”, que também foi compartilhado pela internet e costuma ser tocado em muitas academias durante os treinos físicos. Ambos complementam os aprendizados dos praticantes da atualidade, seja no Brasil como também no exterior.



Figura 02 – Capa do disco de Mestre Pastinha, lançado em 1968

O conjunto desse material é uma espécie de índice da capoeira antiga, que ainda possuía traços da escravidão de muitos de seus praticantes. No disco, podemos ouvir o velho Pastinha falando de seu passado na capoeira com seu sotaque baiano carregado e maneira peculiar de rememorar histórias.



Eu me chamo Vicente Ferreira Pastinha. Eu nasci para a capoeira. Só deixo a capoeira quando eu morrer. Eu amo o jogo da capoeira e não há outra coisa melhor na minha vida, no resto da minha vida, que seja a capoeira.

Na mandinga eu não fui bobo não, viu? Agora pra eu dizer, pra eu contar assim, eu não vou contar nada porque se eu contar fica uma coisa muito longa e parece que eu estou no céu.

Muitas desordem que o capoeirista fazia não era propriamente por ele, era também provocada. Porque se estava numa vadiação com um berimbau na mão, eles passavam e entendiam de querer tomar pra quebrar, aí inflamava, né? Muito capoeirista não queria perder seu instrumento, não é? O íntimo do capoeirista não queria perder seu instrumento.

No disco há cinco faixas, e os depoimentos de Mestre Pastinha aparecem predominantemente no início e no final de cada uma delas, como que introduzindo o tema e dando o seu arremate. Sua voz já marcada pelo tempo fala da capoeira que foi no momento em que estava se transformando em algo novo, um esporte praticado por amplas parcelas da população brasileira e não somente as camadas pobres.

Esse tipo de testemunho biográfico de vida com um pano de fundo musical virou um modelo e posteriormente foi utilizado por outros mestres para descrever suas vivências na capoeiragem, como também ocorre em *Capoeira da Bahia*, lançado em 1985 pelo Mestre Paulo dos Anjos, ou o disco *Capoeira: Mestre Canjiquinha & Mestre Waldemar*, lançado em 1986. Nesse sentido, esse pioneirismo de Mestre Pastinha serviu para a realização de produções semelhantes, com a proposta de trazer a memória oral ou formas de performar a musicalidade tradicional da capoeira, influenciando diversos grupos.

Na atualidade, os vestígios do trabalho realizado por Mestre Pastinha estão facilmente acessíveis na internet, proporcionando que pessoas de todo lugar do planeta possam acessá-los. A seguir, vemos algumas imagens dos seus manuscritos já digitalizados.

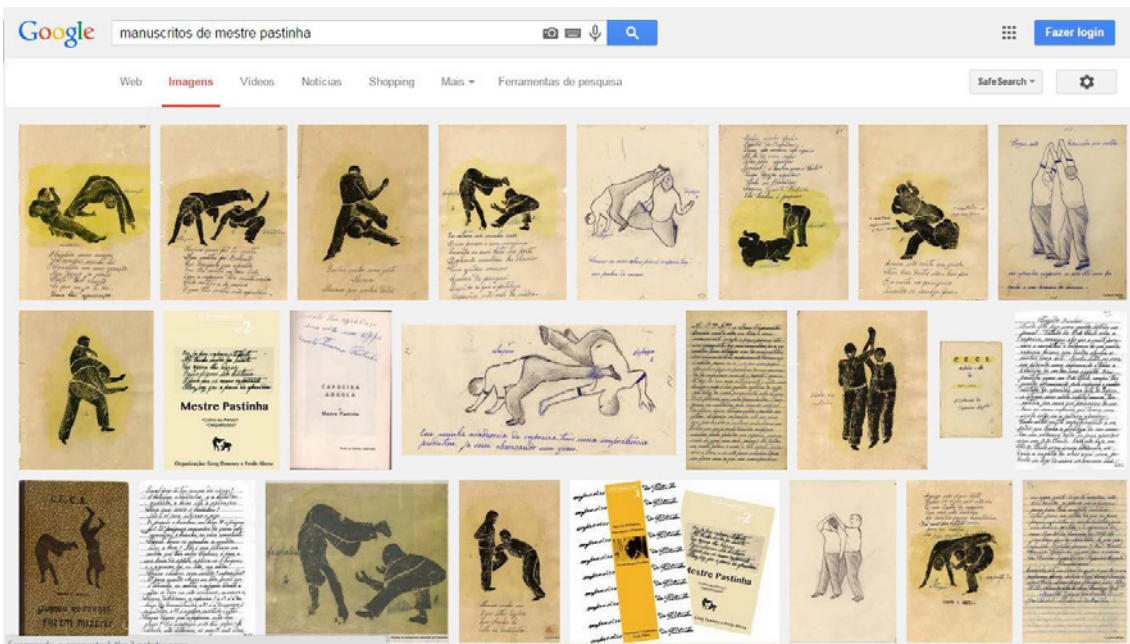


Figura 03 – Imagens dos manuscritos de Mestre Pastinha no mecanismo de busca de imagens do Google (captura de tela)

Da mesma forma, o disco e demais produções audiovisuais são facilmente encontradas, tanto em uma busca em português quanto em outras línguas.

3 Breves considerações

Essa nova camada de memória dos escritos e dos áudios no ambiente digital nos remetem a um processo de reelaboração de discursos operado entre as narrativas identitárias. Néstor Canclini (2013, p.17) afirma que “a história dos movimentos identitários revela uma série de operações de seleção de elementos de épocas distintas articulados pelos grupos hegemônicos num relato que lhes dá coerência, dramaticidade e eloquência”⁵. Nesse sentido, percebemos que Mestre Pastinha para além de sua morte física, continua atuando como um dos grandes nomes da capoeira na atualidade, direcionando a prática e inspirando os aprendizes a buscar conhecer a fundo a capoeira.

Além disso, para além de prejudicar um suposto conhecimento folclórico e tradicional, que perderia sua “espontaneidade” por causa dessas mudanças, percebemos que a tecnologia vem muito mais ajudando a desenvolver as redes que são formadas pelos mestres de capoeira e praticantes localizados ao redor do mundo. Sobre esta questão, concordamos com Néstor García Canclini (2013, p.203) quando

⁵ Tradução livre do original: “La historia de los movimientos identitarios revela una serie de operaciones de selección de elementos de épocas distintas articulados por los grupos hegemónicos en un relato que les da coherencia, dramaticidad y elocuencia”.



afirma que o desenvolvimento moderno e as tecnologias não suprimem as culturas tradicionais. Pelo contrário, as tecnologias estão sendo usadas como ferramentas para ajudar a preservar, disseminar e preservar a cultura. Graças à disseminação em rede, esse material que analisamos e muitos outros dificilmente serão de acesso restrito, uma vez que milhares de praticantes já fizeram sua cópia de segurança, ajudando a preservá-los e compartilhá-los no futuro.

Finalmente, é importante ressaltar mais uma vez a perspectiva filosófica de Mestre Pastinha, que compreende a capoeira num patamar no qual o aspecto corporal é somente uma de suas muitas camadas, a mais externa delas, enquanto existem outras camadas mais sutis, que abrangem o passado, presente e futuro. Tal concepção nos permite apreender esses ensinamentos da cultura popular em diálogo com ensinamentos herméticos, que embasam a alquimia, e também mostram como os conhecimentos empíricos e acessados através do corpo geram um campo de afeto e geração de memória que merece estudos mais amplos, os quais o academicismo geralmente tende a rejeitar num primeiro momento, como se fossem desprovidos de profundidade e de ciência, mas que podem revelar perspectivas profundas acerca das relações múltiplas entre corpo, mente e espírito.

Referências Bibliográficas

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar y salir de la modernidad. Buenos Aires: Paidós, 2013.


FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política – ditos & escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

MARCHESI, Mariana de Toledo. **A roda em rede**: transformações culturais da capoeira nos ambientes midiáticos digitais. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicação e Artes, ECA-USP. São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-13122012-144628/pt-br.php>. (Acesso em 16 de abril de 2015).

MURICY, Antonio Carlos. **Pastinha! Uma vida pela capoeira**. Filme. 56min. Brasil, 1998. Em: https://www.youtube.com/watch?v=-unP_tdBiKI (Acesso em 16 de abril de 2015).

Os Manuscritos do Mestre Pastinha. Em: <http://campodemandinga.blogspot.com.br/2007/08/os-manuscritos-do-mestre-pastinha.html> (Acesso em 16 de abril de 2015).

ISSN 2316-6479 | DE JESUS, S. (Org). Anais do VIII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual: arquivos, memórias, afetos . Goiânia, GO: UFG/ Núcleo Editorial FAV, 2015.



QUERINO, Lucia Palmares. BRIAND, Pol. **Capoeira:** mestre Traíra e mestre Cobrinha Verde. Em: http://www.capoeira-palmares.fr/histor/xaua_pt.htm (Acesso em 16 de abril de 2015).

TRÊS INICIADOS. **O Caibalion:** estudo da filosofia hermética do antigo Egito e da Grécia. São Paulo: Pensamento, 2009.

Minicurrículo

Bruno é doutorando da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ) na linha de pesquisa Tecnologias de Comunicação e Estéticas. Mestre em Comunicação e Cultura (ECO-UFRJ). Especialista em Jornalismo Cultural pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Graduado em Comunicação Social nas habilitações Rádio & TV (UFMA) e Jornalismo (UFMA). Pesquisador do Laboratório de Fotografia, Imagem e Pensamento (LabFoto-UFRJ), Laboratório em Mídias e Métodos Digitais (MediaLab-UFRJ) e do Núcleo de Pesquisa e Produção de Imagem do Instituto Federal do Maranhão (NUPPI-IFMA). Atualmente realiza pesquisas sobre audiovisual e capoeira, com ênfase nos seguintes temas: antropologia, arquivo e memória, comunicação e cultura, corpo, performance, produção de subjetividade e redes sociais. Músico e compositor. Atualmente integra o grupo Ninfas Equatoriais.